

449

Rubem  
Braga

# O imperialismo não é culpado de tudo

“DISSERAM que eu voltei americanizada...” — cantava a nossa querida Carmem Miranda na primeira vez que voltou ao Brasil (e se apresentou no Cassino da Urca, de saudosa memória; e vamos aqui abrir uns parêntesis entre parêntesis: cadê o sociólogo mundano capaz de escrever a história do Cassino da Urca e do Quitandinha dos áureos tempos ignominiosos do Estado Novo e de pouco antes?), assim cantava, eu ia dizendo, a nossa boa Carmem, e ela própria não sabia o quanto estava americanizada, escravizada à filosofia do êxito contínuo, com seu inevitável *stress* e as drogas para combatê-lo.

Mas não é apenas lá dentro dos Estados Unidos que o tranco da vida norte-americana pode arrasar uma pessoa; aqui está um livro — “Imperialismo e Angústia” — em que o Sr. Cláudio de Araújo Lima, psiquiatra e ensaísta (autor de um bom livro sobre Plácido de Castro e de dois pequenos ensaios sobre Zweig e Vargas), nos conta coisas calamitosas.

Ele estuda a evolução da sociedade brasileira, especialmente da carioca, nestes últimos trinta anos; chega à conclusão de que o proletariado e a grande burguesia não mudaram grande coisa do ponto de vista psiquiátrico — mas nós, da classe média, “entramos bem”: a angústia nos assola, e ela é causada em grande parte pelo imperialismo. Nós todos, inclusive os homens de imprensa, e inclusive naturalmente os cronistas ligeiros, como êste vosso criado, mas também os próprios psiquiatras, “querubins ou falsas vestais a serviço dos trustes”.

O livro diz muitas verdades sobre os efeitos do cinema, da propaganda comercial do *confort* na base de figuras de mulheres seminuas, sobre a invenção de “necessidades”, o abuso de “tranquilizadores” e de psicanalistas, a “mentalidade inflacionária” da classe média carioca.

Tudo é verdade. Acontece, porém, que alguns dos males que o autor atribui à influência americana me parecem antes benefícios, como aquela “mentalidade comodista na maneira de vestir” tão adequada a êstes trópicos; e outros são males inseparáveis de qualquer cidade que passa do milhão e meio de habitantes. Até o bovarismo de muitas de nossas senhoras — bovarismo que tem seu lado lamentável, mas também seu lado encantador — o severo ensaísta atribui ao imperialismo, assim como os desequilíbrios conjugais. Espera aí...

Indignado com a invasão de refrigerantes estrangeiros, o autor parece ignorar a volta recente do prestígio da cajuada e do refrêscos de maracujá, sensível no Centro do Rio; e quando fala das drogas excitantes e da política suspeita dos grandes laboratórios parece esquecer as fabulosas conquistas da Medicina desde o advento das sulfas e penicilinas até hoje; nada disso foi inventado aqui, nem as drogas para combater às endemias rurais...

Mas leiam o livro. Talvez haja na alma do autor uma certa saudade do passado e pouca paciência para entender as coisas de hoje. A culpa é sua, que escolheu, para viver nestes tempos malucos, a pior profissão, que é a de psiquiatra...

449 - 26.11.50

129